

Comunicação em Rede e *Workaway*: uma reflexão sobre o papel das Redes Sociais para uma Cultura da Colaboração ¹

Virginia Soledad MIÑO ²

Charbelly ESTRELLA ³

Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O artigo discute os princípios da cultura digital e analisa as oportunidades que as novas mídias junto às redes sociais oferecem aos indivíduos para a conexão entre eles, não apenas no sentido de se relacionarem, senão também, para construir, de forma sinérgica, um convívio baseado na colaboração, a nível global. Dedicar-se-á um espaço à rede social *Workaway*, a qual fomenta a conexão, o vínculo e a colaboração entre as pessoas de diferentes lugares do mundo.

Palavras-chave: redes sociais; inteligência coletiva; colaboração; *Workaway*.

1 Introdução

O objetivo do trabalho é demonstrar que as novas mídias fomentam a colaboração no homem contemporâneo, ampliando e intensificando as formas de interação, permitindo às pessoas se relacionarem e criarem vínculos para, logo, gerarem ações colaborativas. A ligação entre comunicação e colaboração é o modelo do consumo colaborativo que, apoiado e potencializado com as novas mídias, está gerando transformações planetárias. *Workaway* é um exemplo de como uma comunicação originada nas redes sociais virtuais pode concluir na troca de conhecimentos, encontro e colaboração.

Através de fundamentos bibliográficos, analisando conteúdos de livros e fontes disponíveis em internet, o desafio está em reconhecer a relação existente entre a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduada do Curso de Relações Públicas da FACHA, email: virginia.minio@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas da FACHA, email: charbelly.estrella@gmail.com

comunicação e a colaboração e como as redes sociais se tornaram uma potência em favor do desenvolvimento de ações colaborativas, incrementando o vínculo entre pessoas em benefício do desenvolvimento humano.

2 Era da Comunicação nos Tempos Digitais

A comunicação existe desde os tempos mais remotos, de fato, “a sociabilidade é uma de nossas capacidades fundamentais e revela-se tanto como causa quanto como efeito em quase todos os aspectos de nossas vidas (...). Sempre dependemos de esforços grupais para a sobrevivência (SHIRKY, 2012, p.18)”⁴. Nos dias atuais, “as redes de tecnologia digitais permitem a existência de redes que ultrapassam os seus limites históricos (CASTELLS, 2005, p.17)”⁵. Sob essa perspectiva, o autor titula a sociedade atual como sociedade em rede, pois “a estrutura social de uma sociedade em rede resulta da interação entre o paradigma da nova tecnologia e a organização social num plano geral”⁶. Por sua vez, André Lemos (2005) denomina o período atual como a Era da Conexão, explicando que o usuário já não precisa se deslocar até a rede, pois é a rede que passa a envolver os usuários, objetos e lugares, numa “conexão generalizada”, caracterizando a era da conexão pela sua computação ubíqua. “As novas formas de comunicação sem fio, desde o telefone móvel aos SMS, o Wi-Fi e o Wi-Max, fazem aumentar substancialmente a sociabilidade, particularmente nos grupos mais jovens da população (CASTELLS, 2005, p.23)”⁷.

Shirky (2012) nomeia à lógica básica da Internet de “comunicação ponta a ponta”, pois ela própria é um veículo para mover informação de um lado para outro, fornecendo “ferramentas de muitos para muitos que apoiam e aceleram a cooperação e a ação”⁸.

Uma das principais transformações sociais geradas pelas novas mídias é a abolição da barreira espaço-temporal nas interações entre pessoas. Thompson afirma que:

O uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas maneiras de usar o tempo e o espaço para os próprios fins. O desenvolvimento de novos meios técnicos pode também aprofundar o impacto com que os indivíduos experimentam as dimensões de espaço e de tempo da vida social (THOMPSON, 2011, p.49).⁹

⁴ SHIRKY, Clay. Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações. Zahar, 2012, p. 18.

⁵ CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 17.

⁶ Idem, p.17.

⁷ CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 23.

⁸ SHIRKY, Clay. Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações. Zahar, 2012, p. 135.

⁹ THOMPSON, John. A mídia e a modernidade. Editora Vozes, 2011, p. 49.

A Internet, junto com os dispositivos tecnológicos, possibilita ter consciência do que acontece em qualquer lugar do mundo, conversar com qualquer indivíduo de qualquer rincão do planeta e comunicar para o mundo todo o que se está pensando, sentindo ou fazendo. Com base na intensa conexão fomentada na nova era, pode afirmar-se que se vive no auge da sociedade em rede. “Pode mesmo afirmar-se que a sociedade em rede potência as relações de convivialidade existentes; ao mesmo tempo em que acrescenta novas formas de sociabilidade, reforçando mesmo as relações sociais (PRIMO, 1997, p.1)”.

2.1 Comunidade e Identidade nas Sociedades em Rede

A Internet provocou um grande impacto nas identidades sociais, o qual se destaca, como indica Castells (2005), na possibilidade que oferece à milhões de pessoas a produzirem relacionamentos e interações, estabelecendo um ‘espaço comum’ que surge como resultado direto da sinergia e da conectividade. Alex Primo define comunidade como:

Um conjunto de pessoas em uma determinada área geográfica. Também inclui a ideia de que esse conjunto possui uma estrutura social. Isto é, existe algum tipo de relacionamento entre essas pessoas. Além disso, pode existir um espírito compartilhado entre os membros da comunidade e um sentimento de pertencer ao grupo (PRIMO, 1997, p.1).¹⁰

Entretanto, o autor analisa às comunidades virtuais, surgidas da sociedade informatizada, que se identificam por suas características de relações e de senso comunitário, mesmo apresentando incontestância geográfica ou contato físico, afirmando que “o conjunto de pessoas que se reúne e interage através de conferências eletrônicas experimenta circunstâncias equivalentes às mencionadas. Com uma pequena diferença, o local de contato é o ciberespaço (PRIMO, 1997, p.2)”¹¹. Apesar dos pontos positivos, existem críticas em relação à existência destas comunidades, dentre elas se indica que:

A entrada para uma conferência eletrônica depende inicialmente da possibilidade financeira de aquisição de um computador, manutenção de uma conta telefônica e de serviços do provedor de Internet, capacidade de leitura e redação, além de familiaridade com o léxico informatizado (PRIMO, 1997, p.4).¹²

Não obstante, as comunidades virtuais são um fenômeno cujo crescimento é inevitável, determinado a desconstruir os limites geográficos estabelecidos e construir novos, relacionados a temáticas e interesses comuns. Dessa maneira, tornou-se freqüente o fato de

¹⁰ PRIMO, Alex Fernando Teixeira. A emergência das comunidades virtuais. Intercom 1997 – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 1997, p. 1.

¹¹ Idem, p. 2.

¹² PRIMO, Alex Fernando Teixeira (1997) apud FernBack e Thompson (1995), p.4.

estabelecer ‘comuns unidades’ virtuais, onde indivíduos de diferentes partes do mundo, mas com curiosidades similares, trocam ideias e conhecimentos, vinculam-se, criam relacionamentos e ampliam as redes de conexão. Esta realidade afirma que “participar, ser cidadão, hoje, é estar conectado (LEMOS, 2004, p. 20)”¹³.

A Internet propicia a construção da autonomia individual. Contudo, não todas as pessoas têm as mesmas habilidades nem dão o mesmo uso às ferramentas. Castells (2005) demonstra que quanto mais jovem é a população mais é utilizada a Internet. Dessa forma, “quando um projeto de autonomia individual coexiste com a utilização da Internet, a prática identitária geralmente intensifica-se, especialmente entre os jovens”¹⁴. Por sua vez, as diversas redes criadas no universo da Internet comprovam que a construção e a prática identitária ultrapassam questões baseadas nas diferenças e conectam pessoas heterogêneas, conectando-as através da partilha de assuntos de interesse comum. “Atualmente, a noção de território continua a ser importante, mas existem outros fatores igualmente importantes a considerar, por exemplo, a conectividade e a cooperação (CASTELLS, 2005, p.286)”¹⁵. Apesar de a Internet inaugurar um sem fim de possibilidades para interagir, intercambiar ideias, promover ações e transformar a sociedade, não se deve considerar que a sua existência suprimirá a vida do mundo real, como afirma Shirky “a Internet não fornece uma alternativa à vida social do mundo real, ela a incrementa. Em vez de se tornar um ciberespaço à parte, nossas redes eletrônicas estão se tornando profundamente implantadas na vida real”¹⁶. A Internet implanta novos espaços para os indivíduos, que exigirão dos participantes a interpretação de novos códigos simbólicos, nas palavras de Thompson:

O desenvolvimento dos meios de comunicação é uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si (THOMPSON, 2011, p.35-36).¹⁷

É possível afirmar que a Internet permite flexibilizar as relações e, com isto, a organização da sociedade no espaço físico e na vida do dia-a-dia. Hoje “a era da conexão parece estar colocando em sinergia espaço virtual, espaço urbano e mobilidade”¹⁸.

¹³ LEMOS, André. Cibercidade: um modelo de inteligência coletiva. E-pappers, 2004, p. 20.

¹⁴ CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 286.

¹⁵ Idem, p. 286.

¹⁶ SHIRKY, Clay. Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações. Zahar, 2012, p. 166.

¹⁷ THOMPSON, John. A mídia e a modernidade. Editora Vozes, 2011, p. 35- 36.

¹⁸ LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade - A era da conexão. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005, p. 15.

2.2 Ciberespaço – retorno ao Nomadismo

Ao afirmar que a era da comunicação se caracteriza pelo surgimento e popularização das novas mídias, afirma-se também que a era da comunicação criou um novo espaço para estabelecer as ações de cada dia. Esse espaço é o ciberespaço. Os deslocamentos nas relações sociais permitem expandi-las, possibilitando ao ser humano ampliar as suas redes de conexão e, com elas, o seu conhecimento do mundo. O processo de ‘territorialização’ e ‘desterritorialização’ em que as sociedades estão imersas reivindicam as práticas nômades e tribais, “tanto em termos de subjetividade como de deslocamentos e afinidades; de reconfiguração dos espaços urbanos e da constituição de uma sociologia da mobilidade”¹⁹. Lemos (2005) explica que a vivência no espaço urbano está sendo modificada. Tudo indica que a era da conexão possibilitou o renascimento de uma das características mais primitivas do ser humano: o nomadismo. Porém, afastado do clássico nômade que se deslocava sob o imperativo de satisfazer suas necessidades básicas, dentro do espaço do território, o espaço do novo nomadismo se refere à capacidade de transformação do próprio homem quem, à sua vez, transformará as suas relações com o outro e com o seu entorno. Essas transformações são tão infinitas quanto à capacidade de criação do homem. Lèvy o cita como “um espaço invisível de conhecimentos, de saber, de potências de pensamento em cujo seno nasce e se transformam qualidades de ser, maneiras de atuar na sociedade”²⁰.

Lemos (2005) aponta para as mudanças na organização social da contemporaneidade, percebendo-a mais fluida, mais espontânea, com papéis menos rigorosos, mais intercambiáveis e com espaços sociais versáteis que se relembram às formas sociais dos primeiros agrupamentos humanos. A versatilidade com que se vive na atualidade permite que o indivíduo tenha uma abertura maior ao que é o entorno, expandindo assim o seu interesse e preocupação, estabelecendo contato já não apenas com o seu círculo local, senão também com os acontecimentos globais. A partir desse interesse pelos fatos globais, pelas culturas e modos de vida distantes, o nomadismo se estabelece como caráter em expansão.

¹⁹ LEMOS apud WEISER. Cibercultura e Mobilidade - A era da conexão. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005, p. 4.

²⁰ LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. Edições Loyola, 2007, p. 10. Tradução livre autoral: “un espacio invisible de conocimientos, de saber, de potencias de pensamiento en cuyo seno nacen y se transforman cualidades de ser, maneras de actuar en sociedad. No se trata de los organigramas del poder, ni de las fronteras de las disciplinas, ni de las estadísticas comerciales, sino del espacio cuantitativo, dinámico, vivo de la humanidad en el proceso de hallarse produciendo su mundo”.

Interpretar a realidade como uma fusão das práticas no espaço físico e eletrônico elimina a possibilidade daquele paradigma em que o ciberespaço ocuparia o lugar do espaço físico, “o virtual pode ser entendido como extensão do real”²¹. O convívio entre o virtual e o real, essa ligação que procura entrelaçar as vidas das pessoas em mais de um espaço, torna mais razoável a possibilidade das pessoas se comunicarem, conhecerem-se e se vincularem dentro do novo espaço. Lemos (2004) expressa que as fronteiras territoriais que determinam as nações e as cidades e, à sua vez, as identidades, desaparecem do mapa mental das pessoas, que se unem segundo as suas ideias, preferências ou necessidades: “Na rede, diversos grupos de pessoas se identificam e passam a ter uma relação afetiva com um espaço virtual que não deixa de ser uma forma de territorialização”²². Essa territorialidade virtual está dia após dia crescendo em termos de humanização.

3 Interações sociais como multiplicadoras de conhecimento

É possível eliminar a ideia de que as novas mídias estão substituindo os vínculos humanos, observando a capacidade existente para potencializá-los de tal forma que, além de ampliar as competências e conhecimentos dos homens dá lugar ao sentido de inteligência coletiva, criada a partir da troca, da interação, da conexão entre pessoas e que está sendo potencializada através do uso das ferramentas da comunicação, das novas mídias e das redes sociais. Por sua parte, a inteligência coletiva não somete à inteligência individual, não a limita nem a diminui. Pelo contrário, como explica Lèvy, o coletivo inteligente “as exalta, as faz frutificar e lhe abre novas potências”²³.

O que é inteligência coletiva? É uma inteligência repartida em todas as partes, valorizada constantemente, coordenada em tempo real, que conduz a uma mobilização efetiva das competências. O fundamento e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento recíproco das pessoas e não o culto das comunidades fetichizadas (LEVY, 2007, p.19).²⁴

O indivíduo já não está presente apenas em um lugar, suas ideias, seus pensamentos estão em contínuo contato com o planeta. À medida que sua rede de conexões no

²¹ LEMOS, André. Cibercidade: um modelo de inteligência coletiva. E-pappers, 2004, p. 34.

²² Idem, p. 33.

²³ LEVY, Pierre. Inteligencia colectiva. Edições Loyola, 2007, p. 65. Tradução livre autoral: “las exalta, las hace fructificar e les abre nuevas potencias”.

²⁴ Idem, p. 19. Tradução livre autoral: “¿Qué es inteligencia colectiva? Es una inteligencia repartida en todas partes, valorizada constantemente, coordinada en tiempo real, que conduce a una movilización efectiva de las competencias. El fundamento y el objetivo de la inteligencia colectiva es el reconocimiento y el enriquecimiento mutuo de las personas, y no el culto de las comunidades fetichizadas”.

ciberespaço aumenta, essas ideias e pensamentos estarão mais expandidos e ainda, podem ser reproduzidos pelo coletivo que esteja participando ou interagindo com ele.

Por conseguinte, pode-se afirmar que a comunicação traz conhecimento. Os conhecimentos só podem ser transmitidos na interação entre as pessoas. Se se entende que a sociedade contemporânea experimenta a era da conexão, aceita-se a ideia de se viver no auge do conhecimento, pois a facilidade e acessibilidade que coabitam entre os indivíduos são incomparáveis na história da humanidade.

Existem ações coletivas que são construídas pelas redes sociais e auxiliadas pelas novas mídias, apresentando assim uma colaboração planetária. Clay Shirky (2012) denomina as ações coletivas como “empreendimentos em grupo”, apresentando-os como uma escada de atividades, cujos degraus representam tais atos. À medida que o grupo percorre a escada de atividades, as exigências demandadas aos integrantes aumentam, assim como também, o arraigo e o fortalecimento do grupo. O primeiro degrau da escada de atividades é o compartilhamento, no qual pessoas possuem grande liberdade na sua participação e geram o mínimo de complicações no grupo, “compartilhar o próprio trabalho conscientemente com outros é a maneira mais simples de se beneficiar das novas ferramentas sociais”²⁵. O segundo degrau da escada é a cooperação. Esta ação exige uma mudança no comportamento das pessoas para poder estar em sincronia com outras, que também precisarão mudar. Shirky considera a produção colaborativa como uma maneira sofisticada de cooperação, “ninguém pode receber crédito individual pelo que é criado, e o projeto não pode surgir sem a participação de muitos”²⁶. O tipo de empreendimento que demanda mais esforço no grupo é a ação coletiva, pois exige que os participantes se comprometam a atuar em conjunto, considerando que as decisões do grupo são obrigatórias para os membros. Para que existam empreendimentos de ações coletivas, deve existir “uma visão compartilhada forte o bastante para mantê-lo unido, apesar de decisões periódicas que certamente desagradarão a, pelo menos, alguns membros”²⁷. Por conseguinte:

O compartilhamento de informação produz consciência compartilhada entre os participantes, e a produção colaborativa depende da criação compartilhada, mas a ação coletiva gera responsabilidade compartilhada, ao vincular a identidade do usuário à identidade do grupo (SHIRKY, 2012, p.49-50).²⁸

²⁵ SHIRKY, Clay. Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações. Zahar, 2012, 46.

²⁶ Idem, 47.

²⁷ Idem, 49.

²⁸ Idem, 49, 50.

Logo, pode-se visualizar o leque de possibilidades que as interações coordenadas no espaço virtual podem impactar diretamente o mundo físico. Contudo, na base de todas as mudanças sociais vivenciadas se encontram as diversas transformações que o próprio homem experimentou para adaptar o ambiente às suas necessidades e, à sua vez, adaptar-se ao criado. Observa-se, assim, um novo tipo de trabalhador caracterizado pela sua versatilidade, sendo capaz de se moldar aos câmbios do entorno, como indica Castells:

Um trabalhador autoprogramado [com] um novo tipo de personalidade fundada em valores, uma personalidade flexível capaz de se adaptar às mudanças nos modelos culturais, ao longo do ciclo de vida, porque tem capacidade de dobrar sem se partir, de se manter autônomo, mas envolvido com a sociedade que o rodeia (CASTELLS, 2005, p.27).²⁹

A capacidade de se moldar aos câmbios do entorno facilita ao indivíduo a se vincular em sociedades afastadas do seu círculo local, com costumes e estilos de vida singulares, hierarquias sociais organizadas de forma diferentes e até com valores diferentes.

3.1 Dimensões virtuais e reais – produto das novas conexões sociais

O desenvolvimento dos meios de comunicação, assim como a sua expansão, gera novas formas de se relacionar, desestruturando os padrões de interação humana e, à sua vez, reorganizando-os através da supressão das barreiras do espaço e do tempo. Antes do advento da Internet e das novas tecnologias, instantaneidade exigia compartilhamento do espaço e tempo. Hoje é possível responder e agir de forma instantânea sem necessidade de se encontrar no mesmo espaço geográfico.

O desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana. Ele faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem o mesmo ambiente espaço temporal. O uso dos meios de comunicação proporciona assim novas formas de interação que se estendem no espaço (THOMPSON, 2011, p.119-120).³⁰

As reorganizações surgidas a partir das dissociações do tempo e do espaço permitem que os novos meios de comunicação se estabeleçam nas sociedades com mais facilidade. Dentre as novas formas de comunicação se encontram as redes sociais virtuais, vínculos veiculados pelas novas mídias, originadas, estruturadas e sustentadas no Ciberespaço. “As redes

²⁹CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 27.

³⁰ THOMPSON, John. A mídia e a modernidade. Editora vozes, 2011, p. 119- 120.

constituem a nova morfologia social das nossas sociedades, e a difusão da lógica das redes modifica substancialmente a operação e as consequências dos processos de produção, experiência, poder e cultura”³¹.

Observa-se que a interação humana se tornou planetária, todo indivíduo tem a possibilidade de emitir mensagens, de criar grupos e até de organizar ações para pessoas de qualquer parte do mundo, de forma imediata. É importante destacar que a globalização vivenciada não é sinônima de homogeneização, em concordância com Lemos:

Globalizar significa ser capaz de tirar partido da flexibilidade de comunicação proporcionada pelas redes e serviços telemáticos para estabelecer trocas econômicas e culturais com outros povos e, simultaneamente, ter a oportunidade de dar a reconhecer à escala global os fenômenos e especificidades locais (LEMOS, 2004, p.62).³²

As novas tecnologias têm a possibilidade de transmitir formas simbólicas partilhadas, isto aumenta a possibilidade de autoformação dos indivíduos, “no sentido de que os indivíduos recorrem cada vez mais aos próprios recursos e ao conteúdo simbólico transmitido pela mídia para chegarem a identidades coerentes para si”³³. Por conseguinte, entende-se que os novos meios de comunicação impactam na tradição. Considera-se a tradição “qualquer coisa que é transmitida ou trazida do passado”³⁴ que gera, assim como também é gerada, pelo vínculo dos indivíduos das diferentes comunidades. Thompson menciona quatro aspectos da tradição: hermenêutico, normativo, legitimador e identitário. Através das transformações ocorridas nas formas e meios de interação humana, as tradições se viram afetadas e, gradualmente, libertaram-se das ancoras exigidas para sua criação, conservação e transmissão. Hoje, “as tradições não desaparecem, mas perdem sua ancoragem nos locais compartilhados da vida cotidiana”³⁵. Assim, a tradição experimentou um declínio no que respeita aos aspectos normativos e legitimadores, porém, aumentou à sua importância como um meio de dar sentido ao mundo e de criar um sentido de pertença.

Através dos meios de comunicação, as pessoas conseguem conhecer características e tradições de lugares remotos, permitindo-se ampliar os sentidos outorgados ao mundo, gerando assim, maior empatia com o outro. Este assunto é detalhado nos textos de Daniel Lerner, dos quais Thompson vai se apropriar para descrever a empatia como:

³¹ CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 269.

³² LEMOS, André. Cibercidade: um modelo de inteligência coletiva. E-pappers, 2004, p. 62.

³³ THOMPSON, John. A mídia e a modernidade. Editora vozes, 2011, p. 234.

³⁴ Idem, p. 238.

³⁵ Idem, p. 241.

A capacidade de se imaginar no lugar do outro (...). A empatia permite que os indivíduos se distanciem imaginariamente das circunstâncias imediatas e se interessem por assuntos que não lhes afetam a vida cotidiana (THOMPSON, 2011, p.244).³⁶

As modificações geradas na configuração da tradição afetam inevitavelmente o entendimento do sentido de pertença de cada pessoa. Castells afirma que “as novas tecnologias ajudam a transmitir formas simbólicas partilhadas, sentido de cultura grupal e, finalmente, a promover aquilo que Tocqueville chamou de ‘sentido de pertença’”³⁷. De tal forma, verifica-se que as redes sociais têm atributos para gerar ‘sentimento de pertença’, assim como comprometer aos indivíduos com uma identidade coletiva de determinado interesse comum. Shirky (2012) constrói uma relação entre a homofilia, o desejo de conhecer novas pessoas e o que são as redes sociais, afirmando que “as redes sociais fazem as mesmas suposições subjacentes sobre os vínculos humanos, e todas jogam de algum modo com a tensão entre a homofilia e o desejo de conhecer novas pessoas”³⁸.

3.2 Cultura colaborativa na era digital

Observa-se uma ligação entre a interação humana através das redes sociais virtuais e a experimentação da empatia, a qual se regenera e renova à medida que as pessoas se conectam com as novas mídias. Assim, constata-se como os indivíduos estabelecem vínculos, criam relações e se envolvem na realidade dessa comunidade originada no ciberespaço. Como indica Thompson:

A apropriação dos materiais simbólicos permite aos indivíduos se distanciar das condições da vida (...). Os indivíduos podem conceber, ainda que parcialmente, maneiras de viver e condições de vida totalmente diferentes das que eles experimentam no dia a dia (THOMPSON, 2011, p.227).³⁹

O espaço do conhecimento promove cada vez mais a cooperação entre os indivíduos e o trabalho em equipe, como indica Lèvy, “o projeto do espaço do conhecimento incita a inventar de novo o vínculo social ao redor da aprendizagem recíproca, da sinergia das competências, das competências, da imaginação e da inteligência coletiva”⁴⁰. Logo, pode-se afirmar que a comunicação se destaca por ser “um dos mais importantes fatores para o

³⁶ THOMPSON, John apud LERNER, Daniel. A mídia e a modernidade. Editora vozes, 2011, p. 244.

³⁷ CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 287.

³⁸ SHIRKY, Clay. Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações, 2012, p. 187.

³⁹ THOMPSON, John. A mídia e a modernidade. Editora vozes, 2011, p. 227.

⁴⁰ LÈVY, Pierre, 2004, p. 17. Tradução livre autoral: “el proyecto del espacio del conocimiento incita a inventar de nuevo el vínculo social alrededor del aprendizaje recíproco, de la sinergia de las competencias, de la imaginación y de la inteligencia colectiva”.

desenvolvimento da identidade coletiva”⁴¹. Por conseguinte, é factível a afirmação de que a era da comunicação, da conexão e do conhecimento é também a era da colaboração.

As novas tecnologias de comunicação permitem aos indivíduos da sociedade contemporânea expandir os seus sentimentos de pertença, através do contato com pessoas de diferentes partes do mundo, encontrando vínculos e se permitindo entender e apropriar das experiências e vivências ocorridas.

Alguns autores afirmam que as sociedades modernas se definem na medida em que a transmissão do “sentimento de companheirismo” às formas simbólicas deixa de se restringir aos contextos de interação face a face. Outros autores, como Robert Putman, pensam em termos de capital social como característica da vida social – redes, normas e confiança – que permitem aos participantes agir mais eficientemente na persecução de objetivos comuns que favoreçam a cooperação entre eles (CASTELLS, 2005, p.280).⁴²

A questão do capital social é também abordada por Shirky, que expressa que “em termos econômicos, capital é uma reserva de riquezas e ativos; capital social é aquela reserva de comportamentos e normas que permite que seus membros se dêem apoio mutuamente”⁴³. A busca pela colaboração nas redes sociais é um comportamento que vem se praticando e expandindo pelo mundo inteiro de diversas formas. Os integrantes das diferentes comunidades atendem aos problemas uns dos outros, dando-se resposta e cuidando-se uns aos outros. Claro que, cada um encontra nessa colaboração um benefício próprio que o incentiva à sua participação e colaboração. Esses interesses pessoais, à sua vez, conseguem beneficiar o entorno e, como os vínculos são globais, as mudanças se tornam planetárias. Por sua parte, entende-se que as redes sociais têm como intenção reunir pessoas com interesses similares, pelo que, o primeiro contato será sempre motivado pelo interesse individual. Esta correlação é explicitada por Castells quando caracteriza duas tendências paralelas da transformação das sociedades: individualismo e comunalismo:

Por individualismo entende-se a construção de sentido em torno da concretização dos projetos individuais. E por comunalismo a construção de sentido em torno de um conjunto de valores definidos por uma coletividade restrita e internalizados pelos seus membros (CASTELLS, 2005, p.31).⁴⁴

Conseqüentemente, é oportuna a citação de Shirky, quem afirma que os integrantes de comunidades dão atenção aos problemas uns dos outros, porém “isso não é puro altruísmo; quem ensina aprende duas vezes, quem responde a pergunta melhora sua reputação na

⁴¹CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 280.

⁴² Idem, p. 287.

⁴³ SHIRKY, Clay. Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações. Zahar, 2012, p. 188.

⁴⁴ CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A sociedade em rede – do conhecimento à ação política, 2005, p. 31.

comunidade, e o padrão global de retorno distribuído – se eu cuidar de você, alguém cuidará de mim mais tarde – é uma maneira muito prática de se criar o capital social”⁴⁵.

A ideia de que o capital social seja expandido pelo mundo permite que as pessoas se interessem pelos acontecimentos e estilos de vida de lugares distantes geograficamente. Esse interesse potencializa a curiosidade do homem por experimentar coisas novas, lugares novos e culturas diferentes. Thompson admite que “essa nova cultura em rede ou vice-versa instala uma forma de ver o real, na qual a segregação emerge da seleção de diversos tipos de relações societárias que se deseja vivenciar”⁴⁶. O desejo de viverem diferentes relações em diferentes sociedades intensifica a empatia, que favorece a colaboração. Ao permitirem uma maior visibilidade da vida social, as redes sociais facilitam o encontro entre pessoas, o compromisso criado entre elas, e a participação que cada uma possa estabelecer.

4 Workaway – colaboração em rede

Workaway é uma rede de colaboração originada nas novas mídias, criada para promover um intercâmbio entre viajeros ou estudantes de línguas com organizações, instituições, indivíduos ou famílias que estão procurando ajuda com diversas atividades. Assim, o *site* categoriza os indivíduos das conexões em dois grupos: os voluntários e os anfitriões. A intenção é aproximar pessoas com ideologias semelhantes, para ambas atingirem seus objetivos pessoais, através da colaboração mútua. Também, a rede incentiva àqueles que estejam aprendendo (ou interessados em aprender) outras línguas a fazer trabalhos voluntários, pois “seja qual for a língua que esteja estudando, a melhor maneira de aprender e de se submergir por completo é ir ao país onde realmente se fala a língua”⁴⁷.

Para ser voluntário é necessário se cadastrar como *Workawayers*. O *site* tem um espaço onde explicita os deveres e direitos que a pessoa como tal possui. Os voluntários ajudam umas horas por dia e em troca, os anfitriões oferecem hospedagem e comida. Existe uma variedade de atividades demandadas por anfitriões de diferentes lugares do mundo. *Workaway* proporciona certas facilidades de busca para os interessados em se tornarem voluntários. Assim, o usuário pode procurar por continente, por países e ainda por atividades que ele estaria disposto a realizar. O *site* oferece um espaço para que os

⁴⁵ SHIRKY, Clay. Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações. Zahar, 2012, p. 219.

⁴⁶ LEMOS, André. Cibercidade: um modelo de inteligência coletiva. E-pappers, 2004, p. 34.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.Workaway.info/information-language-learners-es.html>. Tradução livre autoral: “Whatever language you are studying, there is no doubt that the best way to learn is to go to the country where the language is actually spoken, and to immerse yourself completely”.

voluntários interajam entre ele e possam se recomendar lugares, contar experiências e até se encontrarem nos lugares que estão voluntariando, ampliando os seus contatos no destino que decidem viajar e trabalhar. Além disso, *Workaway* disponibiliza um *blog* para que os voluntários possam contar as suas histórias, compartilhando as suas experiências.

Os anfitriões são as pessoas que estão precisando de alguma ajuda em seu projeto ou em sua própria casa e oferecem hospedagem e comida em troca de horas de trabalho. Para ser anfitrião é necessário se cadastrar como tal. O cadastro é gratuito, devendo informar o trabalho do voluntário, o tipo de hospedagem, a região e qualquer informação que possa ser de interesse para que alguém escolha trocar experiências com eles. Os anfitriões podem aceitar, ou não, ao voluntário que está se postulando para trabalhar com eles.

Tanto os voluntários quanto os anfitriões podem enviar as fotos da experiência, dos encontros, do lugar, das atividades e de qualquer registro que eles desejem apresentar ao mundo na galeria de fotos do *site* que, uma vez ao mês, escolhe a melhor foto, premiando a quem a subiu monetariamente. Atualmente, a rede conta com mais de 17 mil anfitriões ativos em mais de 155 países que oferecem diferentes tipos de lugares para se hospedar com diferentes tipos de demandas que solicitam aos voluntários. A rede interessa especificamente às pessoas que estejam motivadas em exercer algum tipo de ajuda para alcançar os seus objetivos pessoais, tendo um papel de incentivador para a execução de ações colaborativas, tornando-se um mediador através da conexão de interesses e necessidades das pessoas de diferentes pontos do planeta.

Lemos cita a Marcos Palácios para analisar a mudança com que o processo de formação de laços sociais se manifesta, explicando que na vida real as pessoas se conhecem após o encontro e a identificação de interesses comuns. Nas comunidades virtuais, a interação inicial se dá através dos interesses comuns para conhecer às pessoas e, logo, se encontrar fisicamente, caso houver real interesse. *Workaway* comprova tal afirmação. Os anfitriões se apresentam e especificam as suas necessidades e expectativas; os voluntários que se interessam com determinados dados se contatam, expressando as suas habilidades e expectativas. O encontro real só acontece após criarem um vínculo em função do contato virtual. Dessa maneira, é possível afirmar que *Workaway* apresenta todas as características que poderiam ser exigidas para afirmar que é uma rede social que beneficia tanto às identidades individuais quanto às identidades coletivas: (1) Permite uma troca de conhecimentos, entrando na esfera da inteligência coletiva; (2) Surge no ciberespaço, nas

comunidades virtuais, mas se estende ao mundo físico; (3) Introduz ao indivíduo na qualidade de nomadismo moderno. Dessa maneira, é oportuno citar a expressão de Lemos quando afirma que “as cibercidades passam a ser pensadas como formas de restabelecer o espaço público, colocar em sinergia diversas inteligências coletivas, ou mesmo reforçar laços comunitários (LEMOS, 2004, p. 22)”.

5 Considerações finais

Os avanços tecnológicos e a sua popularização contribuíram para as interações entre pessoas de diferentes partes do mundo, ampliando a sua visão do mundo. A intensa conexão provoca um interesse pelo outro, assim como pelo entorno, que facilita a criação de redes planetárias, o vínculo entre si e, logo, ações colaborativas. A partir do interesse pelos espaços públicos distantes, junto ao incentivo das interações pelas ações colaborativas, *Workaway* se evidencia como rede de inovação e crescimento.

É necessário reconhecer que o ciberespaço apresenta características de exclusão, manifestando a desigualdade social entre aqueles indivíduos que têm a possibilidade de interagir no novo espaço virtual e aqueles que não. No caso de *Workaway*, exige interpretar os símbolos e técnicas de informática, compreender as línguas que o *site* utiliza e realizar o pagamento que, apesar de que tenha validade anual, é necessário para interagir na rede. Não obstante, a Internet e as novas tecnologias também se manifestam como cabeça de inovação que possibilita o surgimento de diferentes formas de intervenção social e relações econômicas, como é o caso de *Workaway*, que facilita atingir os objetivos através de um consumo colaborativo. Dessa maneira, pode-se observar a realidade atual não como uma fragmentação, mas, como a reconstrução das sociedades e dos próprios indivíduos, possibilitando a criação de uma cultura colaborativa, tornando às novas mídias e as redes sociais ferramentas de reconstrução social, facilitadoras e aproximativas.

Muito estudo adicional é necessário para a compreensão total deste fenômeno, entretanto, é possível afirmar que a intenção das redes sociais é aproximar às pessoas, permitindo o alcance das energias coletivas através das expressões individuais; uma vez concretizado isto, é factível mobilizar-se através das estratégias inteligentes de cooperação, incrementando o capital social a modo global.

Referências

CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede – do conhecimento à ação política**. Imprensa nacional – casa da moeda, 2005. Disponível em: <http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf>

LEMOS, André. **Cibercidade: um modelo de inteligência coletiva**. E-pappers, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade - A era da conexão**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>

LÉVY, Pierre. **Inteligencia colectiva**. Edições Loyola, 2007. Disponível em: <http://inteligenciacolectiva.bvsalud.org/public/documents/pdf/es/inteligenciaColectiva.pdf>

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. Ática, São Paulo, 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das comunidades virtuais**. Intercom 1997 – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades_virtuais.pdf. Acesso em: 03 Junho. 2016.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo o mundo – o poder de se organizar sem organizações**. Zahar, 2012.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**. Editora Vozes, 2011.

_____. Facebook Oficial de Workaway. Disponível em: <https://www.facebook.com/Workaway.info/likes>. Acesso em 01 Junho. 2016

_____. Site Oficial de Workaway. Disponível em: <http://www.Workaway.info/>. Acesso em 23 Maio. 2016.

_____. Informações para voluntários do Workaway. Disponível em: <http://www.Workaway.info/information-for-travellers.html>. Acesso em 24 Maio. 2016.

_____. Informações para anfitriões do Workaway. Disponível em: <http://www.Workaway.info/information-for-hosts.html>. Acesso em 25 Abril. 2016.